

## A volta de Milango

**Rozelene Furtado de Lima**  
**Teresópolis / RJ**

Minha irmã mais velha tinha um gato que era o xodó dela. Milango tinha pelos brancos e macios a cabeça larga e grandes olhos azuis. Milango e Rosalva estavam sempre juntos.

Zéluiz, estatura acima da média para treze anos, tinha um pé tamanho quarenta e dois. Qualquer encrenca, todos sabiam que o Zéluiz era o ator principal, mas ele era boa companhia de brincadeiras. O gato encantou-se por esse nosso primo. Era só ele aparecer para Milango correr e se enroscar nos pés dele.

No nosso paraíso tinha de tudo, mas tudo mesmo. Um abacateiro enorme era uma das árvores preferidas para brincadeiras. Os galhos centrais foram sendo podados e a árvore foi aos poucos se transformando numa espécie de colo cheio de braços. De vez em quando a turma se reunia no Clube do Abacateiro. Cada um tinha seu lugar preferido. Discutíamos, conversávamos, decorávamos tabuada, ríamos e até creme de abacate era servido lá, levávamos açúcar e colherzinha, mexerica, laranja, jabuticaba, a fruta que estivesse na época de colheita. Todos sabiam subir em árvores. Fazíamos campeonatos para ver quem era o mais rápido e chegava ao ponto mais alto em menor tempo. Éramos sempre mais de dez crianças: nós irmãos e amigos da vizinhança. Um tempo diferente. O prazer da brincadeira é coisa da infância, seja qual for o brinquito.

Certa vez, quando terminou a reunião no salão do Clube do Abacateiro, o primo Zéluiz, ficou lá sentado na árvore, não tinha obrigações a cumprir. Ele recebeu a medalha de campeão de rapidez de subir em árvores, logicamente o seu galho era o mais elevado. A dona do Milango foi fazer compras com a minha mãe. O gatinho viu o Zéluiz no abacateiro, subiu e foi ficar no colo dele. O primo tanto alisou o gato que os dois dormiram. Naquela de ficar nos braços de Morfeu, se largaram na letargia do sono. Morfeu soltou os braços. Milango caiu. O primo acordou e despencou de uma altura de uns cinco metros. Embaixo do abacateiro tinha muita folhagem de jardim, grama cortada e palha para os currais. Zéluiz esticou os braços e pernas procurando segurar em algum galho, desceu voando feito pássaro ferido. O primeiro que chegou ao chão foi o pé esquerdo que foi direto no pescoço do gato, amortizando a queda do primo, que em seguida caiu de peida (como falava meu bisavô) no monte de palha.

O primo era trapalhão e muito sensível. Levantou devagar, ajeitou o corpo, passou a mão pelas pernas, pelos ombros e onde alcançou nas costas, nenhuma dor. Sentindo uma ardência no rosto levou as mãos até o ardor e um líquido viscoso e quente tingiu as palmas de vermelho. Começou a gritar desesperado, como ninguém ouvisse, tirou a camisa e cobriu o sangue. Foi buscar socorro, quando minha mãe viu o rapazinho, levou-o até banheiro lavou o rosto dele e percebeu que o nariz sangrava e tinha uns arranhões na ponta. Feito o curativo e estancado a hemorragia ele contou o acontecido. - Deita um pouco e fique quietinho, ordenou a minha mãe. Algum tempo depois, mais calmo, lembrando como caiu sem perceber, cadê o Milango? Saiu correndo até o abacateiro e no meio da folhagem viu o rabo branco do gato. Chamou o bichano. Tirou as folhas e ergueu o corpo ainda quente. Imagem feia! Se é que gato tem sete vidas aquela tinha sido a última. E agora? Pegou o animalzinho e começou um choro convulsivo. A prima Rosalva era apaixonada pelo bichinho, criou desde filhotinho. Ela encontrou o gatinho abandonado na rua. Era muito pequenininho, ela deu mamadeira, leite de colher, agasalhou com toalhas aquecidas no forno e ele sobreviveu graças o amor dela pelos animais. Como reagiria à morte do seu bichinho de estimação? Pensando assim, ele aos prantos, conduzia o corpinho imóvel do felino. Os outros primos e eu, viemos correndo e choramos junto com ele. - Vamos preparar o enterro. Uma caixa de papelão, uma toalhinha de rosto e uma fita vermelha. O cemitério dos animais ficava próximo ao jabuticabal. Tudo terminado. Gato enterrado com oração, flores, cruz de madeira, cortejo e cumplicidade de silêncio total. A criançada resolveu proteger o Zéluiz, ninguém contaria nada. Os sentimentos na infância têm a mesma proporção dos sentimentos dos adultos. O sofrimento é igual, mas os adultos não compreendem isso e dizem: é bobagem de criança.

Milango foi procurado, buscado, caçado, nem mio nem pelo. Rosalva que não sabia de nada procurou gato na vizinhança, chorou, rezou, fez promessa, mas nem sinal do bichinho.

Passados uns três meses, apareceu no portão uma caixinha de sapatos com um gatinho igual ao Milango e tinha até uma fita vermelha no pescoço. Milango teve mais uma chance, mais uma vida. Para a minha irmã Rosalva aquele era o seu bichano que voltava como um filhotinho, suas preces foram atendidas.

Ela só conhecerá a verdadeira história quando ler esse conto. Já se foram mais de trinta anos. Não sei como ela vai reagir à revelação.